

Morosidade preocupa os credores americanos

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Grandes bancos norte-americanos credores da dívida externa brasileira revelam preocupação com a morosidade com que se desenvolvem as negociações da Nova República com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e colocam em dúvida a possibilidade de o acordo com o organismo internacional ser fechado até o final de agosto, como pretendem as autoridades brasileiras.

Executivos de bancos internacionais consultados por este jornal ponderam que, além das divergências entre o FMI e o Brasil quanto às metas econômicas traçadas para o ano, agravam a expectativa dos credores notícias de que as autoridades monetárias brasileiras não descartam a idéia de capitalizar os juros que recaem sobre a dívida brasileira, no sentido de amenizar o impacto dos desembolsos previstos para os próximos anos. Conforme apurou a repórter Maria Clara R. M. do Prado, de Brasília, a estimativa é de um desembolso de US\$ 55 bilhões nos próximos sete anos.

Os bancos norte-americanos, especificamente, têm uma dificuldade legal com a capitalização dos juros, lembra um graduado executivo de um dos maiores credores. "Ao pagar apenas parte dos juros, capitalizando o restante, os créditos concedidos ao país enquadram-se numa espécie de créditos em liquidação nos balanços das instituições, por determinação da legislação atual. Se os créditos brasileiros forem encarados desta forma, os bancos acusarão prejuízos consideráveis", diz.

De acordo com o banqueiro, o sistema financei-

ro sofreria um abalo semelhante ao que poderia ocorrer no mercado brasileiro, caso os bancos nacionais colocassem em créditos em liquidação todas as dívidas em atraso das empresas estatais.

Os bancos norte-americanos e alguns europeus mostram-se dispostos a tolerar mais uma renovação do acordo com o Brasil — aguardando um acerto final com o FMI —, à medida que o acordo provisório expira no dia 31 de agosto. De acordo com o dirigente de um dos maiores conglomerados nacionais, os bancos credores já estão, em alguns casos, renovando os créditos de curto prazo para linhas comerciais de importação e exportação e as interbancárias por período que ultrapassa 31 de agosto.

Apesar da disposição de uma parte dos bancos credores de renovação antecipada das linhas de curto prazo, executivos de instituições estrangeiras alertam para a resistência dos bancos espanhóis, que deverá ser amaciada pelo presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, que na próxima semana faz uma rodada pela Europa para contatos com a comunidade financeira.